

**[MONOTEÍSMO DA RAZÃO
– POLITEÍSMO DA ARTE]**

**O mais antigo Programa
Sistemático do Idealismo Alemão
(1796/1797)**



G.W.F. HEGEL

**Tradutor:
Artur Morão**

www.lusosofia.net



FICHA TÉCNICA

Título: [Monoteísmo da Razão – Politeísmo da Arte]
O mais antigo Programa Sistemático do Idealismo Alemão
Autor: G.W.F. Hegel
Tradutor: Artur Morão
Coleção: Textos Clássicos de Filosofia
Direção: José Rosa & Artur Morão
Design da Capa: António Rodrigues Tomé
Composição & Paginação: José Rosa
Universidade da Beira Interior
Covilhã, 2009

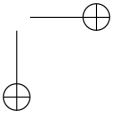
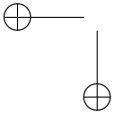


Apresentação

O texto (em manuscrito de Hegel) foi descoberto por Franz Rosenzweig em 1913 e a este autor deve, antes de mais, a sua ressonância e a sua fama; e porventura também a sua sobrevaloração como primigénio programa do idealismo. Em si, porém, não passa de um fragmento, sem contexto, de redacção pouco articulada ou sistemática e escassamente burilada, além de não pensada até ao fim; o seu conteúdo programático, envolvido numa promessa excessiva e exarado num tom enérgico e decidido, está igualmente longe de ser claro e bem recortado. Será afinal de Hegel, de Hölderlin, de Schelling ou dos três em conjunto? Certo é que Otto Pöggeler se pronunciou em 1962 pela autoria do primeiro; todavia, muitos investigadores hegelianos têm, desde então, arrepiado caminho e mostram-se cépticos perante tal atribuição.

Persiste, de facto, integrado nos escritos juvenis de Hegel e descobrem-se nele alusões kantianas, motivos de Fichte e de Schiller, além de algumas ideias radicais e de uma vontade de mudança, que o enquadram no espírito da época e o inserem no movimento cultural do romantismo incipiente: o apelo à liberdade (na sequência da Revolução francesa), a oposição ao Estado, ao sistema eclesiástico e à tradição.

Mencionem-se ainda outros temas, propostos talvez com um intuito pedagógico de transformação cultural e do povo: a noção do Eu criador como ser autoconsciente que se contrapõe à natureza; a necessidade da extinção do Estado; o papel omniconfigurador da beleza por obra da poesia; a urgência de uma nova mitologia que harmonize a razão e a fantasia ou a imaginação; o homem como mundificador que tenta instaurar a unidade da vida em todas as suas zonas e dimensões.

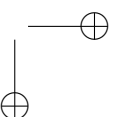
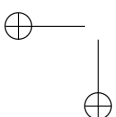




Não obstante as obscuridades que o perpassam, o texto é significativo e expressa um veio profundo da modernidade na sua exigência e demanda de autonomia e de resistência à fragmentação da cultura que, desde aí, não cessou de se acentuar cada vez mais.

Aqui se apresenta, pois, em língua portuguesa para registo, para conhecimento e para estudo.

Artur Morão



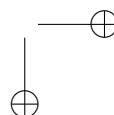
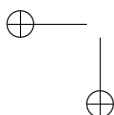


[MONOTEÍSMO DA RAZÃO
– POLITEÍSMO DA ARTE]

**O mais antigo Programa
Sistemático do Idealismo Alemão
(1796/1797)**

G.W.F. HEGEL

– *uma ética*. Visto que a metafísica inteira incide, futuramente, na *moral* – de que Kant, com os seus dois postulados práticos, forneceu apenas um *exemplo*, sem *nada* esgotar –, esta ética será tão-só um sistema integral de todas as ideias ou – o que é a mesma coisa – de todos os postulados práticos. A primeira ideia é, naturalmente, a representação *de mim mesmo* como de um ser absolutamente livre. Com o ser livre, consciente de si, irrompe de imediato – a partir do nada – um *mundo* pleno, a única *criação a partir do nada* verdadeira e pensável. – Descerei aqui ao campo da física; a questão é esta: Como é que um mundo, para um ser moral, deve ser constituído? Gostaria, mais uma vez, de dar asas à nossa morosa física que, afadigadamente, caminha por experimentos.





Por isso, se a filosofia faculta as ideias, a experiência os dados, podemos finalmente obter a física em geral, que espero das épocas vindouras. Não parece que a física actual consiga satisfazer um espírito criador como é, ou deve ser, o nosso.

Da natureza chego à *obra do homem*. Perante a ideia da humanidade, quero mostrar que não há nenhuma ideia de *Estado*, porque o Estado é algo de *mecânico*, como também não existe uma ideia de *máquina*. Só aquilo que é objecto da *liberdade* se chama *ideia*. Temos, pois, de ir além do Estado! – Pois que cada Estado tratará homens livres como uma engrenagem mecânica; e não o deve fazer; tem, pois, de *acabar* com isso. Vedes por vós mesmos que, aqui, todas as ideias de paz perpétua, etc., são unicamente ideias *subordinadas* de uma ideia superior. Quero, ao mesmo tempo, averbar os princípios para uma *história da humanidade* e desnudar até à pele toda a obra lastimosa do Estado, da constituição, do governo, da legislação. Surgem, por fim, as ideias de um mundo moral, de divindade, de imortalidade – subversão de toda a superstição, perseguição do clero que, ultimamente, mascara a razão através da própria razão. – Liberdade absoluta de todos os espíritos, que trazem em si o mundo intelectual e não podem buscar fora de si nem Deus nem a imortalidade.

Por fim, a ideia que a todas coaduna, a ideia da beleza, a palavra tomada no sentido platónico mais elevado. Estou agora convencido de que o acto supremo da razão, o qual inclui em si todas as ideias, é um acto estético; e que verdade e bondade só na beleza estão irmanadas. O filósofo deve possuir tanta força estética como o poeta. Os homens sem sentido estético são os nossos filósofos letrados. A filosofia do espírito é uma filosofia estética. De nenhum modo se pode ser espiritualmente rico, nem sequer se pode raciocinar de forma inteligente sobre história – sem sentido estético. Importa aqui elucidar em que, a bem dizer, consiste a deficiência



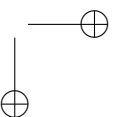
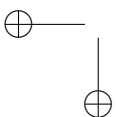


dos homens que não compreendem quaisquer ideias – e que, de modo assaz cândido, admitem que para eles tudo é obscuro, logo que se que vai mais além de tabelas e de registos.

A poesia adquire uma dignidade superior por se tornar, de novo, no fim o que era no começo – *mestra da humanidade*; pois que deixa de haver filosofia, história, só a arte poética sobrevirá a todas as restantes ciências e artes. Ouvimos dizer ao mesmo tempo, e muitíssimas vezes, que a maioria deve ter uma *religião sensível*. Dela carece não só o vulgo, mas também o filósofo. Monoteísmo da razão e do coração, politeísmo da imaginação e da arte, eis do que precisamos.

Falarei aqui, em primeiro lugar, de uma ideia que, tanto quanto sei, ainda não arribou ao tino de homem algum – devemos ter uma nova mitologia, mas esta mitologia deve estar ao serviço das ideias, deve tornar-se uma mitologia da *razão*.

Antes de tornarmos estéticas, isto é, mitológicas as ideias, elas não têm nenhum interesse para o povo; e vice-versa, antes de a mitologia ser racional, o filósofo deve dela envergonhar-se. Por fim, ilustrados e não-ilustrados devem dar-se as mãos, a mitologia deve tornar-se filosófica e o povo racional, a filosofia deve tornar-se mitológica, para que os filósofos se tornem sensíveis. Reinará então, no meio de nós, a unidade eterna. Nunca mais o olhar depreciativo, nunca mais o cego estremecimento do povo em face dos seus sábios e sacerdotes. Só então nos aguardará a idêntica formação de todas as forças, tanto do singular como de todos os indivíduos. Já nenhuma força será oprimida. Reina então a geral liberdade e igualdade dos espíritos! – Um Espírito superior, enviado pelo céu, fundará no meio de nós esta nova religião, e esta será a derradeira e máxima obra da humanidade.





* * *

[Nota do Tradutor]

A versão aqui proposta baseia-se no texto da edição dos escritos hegelianos: *Werke 1: Frühe Schriften*, org. de Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel, Francoforte, Suhrkamp 1986, pp. 234-236. Tentou-se o melhor equilíbrio possível entre a máxima fidelidade à letra e a mais justa correcção do nosso idioma.

O original alemão pode encontrar-se também nos seguintes electro-sítios:

[Das Älteste Systemprogramm des deutschen Idealismus](#)

[Das Älteste Systemprogramm des deutschen Idealismus](#)

